

nara roesler



AGORA
RIGHT NOW
BERNA REALE

NARA ROESLER SÃO PAULO

ABERTURA 28 DE MAIO

EXPOSIÇÃO 28 MAI - 23 JUL 2022

CURADORIA CLAUDIA CALIRMAN

berna reale, agora: right now claudia calirman

Life changes in the instant
The ordinary instant
—Joan Didion¹

AGORA: *Right Now* retrata o presente impregnado da violência que está em todo lugar, profanando e devastando o aqui e agora. A exposição é marcada pelo sentido de urgência, especialmente à luz da escalada de injustiças sociais infligidas pela brutalidade policial, violência contra as mulheres, miséria, guerras e crimes de ódio contra minorias. Criando situações limite, a obra de Berna Reale é lúdica ao mesmo tempo em que beira o absurdo, causando espanto e desconcerto.

Há mais de uma década exercendo a dupla função de artista e perita criminal, nos últimos dois anos Berna trabalhou no presídio feminino CRF (Centro de Reeducação Feminina) na Grande Belém, onde teve contato direto com presas confinadas nas mais diversas condições: detentas na ala do Seguro – aquelas que não podem conviver com a massa carcerária por terem cometido crimes inadmissíveis pela lei da prisão – presas já condenadas, as que ainda estão esperando julgamento e as que vivem em regime semiaberto.

Como lugar de reclusão, a prisão desperta curiosidade. Esse universo fechado, cercado de guardas, arame farpado e câmeras de vigilância, provoca fascínio e medo. Berna é testemunha ocular dessa realidade entre muros, voltando seu olhar atento e agudo para a perversidade exercida sobre os corpos das detentas. Em *Cabeça Raspada* e *Cabeças Raspadas*, prisioneiras são vistas de costas, apenas do ombro para cima, com as peles clara e escura e coques no cabelo presos por uma algema. Nessas imagens, as detentas não são apenas cativas do aparelho prisional, mas também são destituídas de suas individualidades. No sistema carcerário, não é permitido trançar os cabelos, pintar as unhas, ou usar maquiagem;

símbolos de feminilidade que por serem considerados vaidade são negados e anulados obliterando qualquer forma de individuação e autoestima. Nesse universo, aparatos de poder estão em jogo para subjugar, humilhar e violar a dignidade pessoal com o intuito de desumanizar e coisificar corpos.

Em *Acorda Alice*, uma perna feminina cruzada – lembrando o crucifixo e sacrifício – está atada a uma tornozeleira eletrônica. Nela, se vê uma tatuagem, marca estigmática da cultura prisional. Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault observa que as inscrições corporais dos detentos fazem parte de um inventário relacionado à “semiologia do crime”, reforçando o estigma do criminoso e sua subcultura. As tatuagens tanto reforçam a exclusão dos presos da sociedade quanto funcionam como sinais de resistência, uma insistência na própria individualidade. Ao invés de usar imagens banais relacionadas ao universo feminino como corações, flechas e cupidos, em *Acorda Alice* o que se vê é a figura de Alice no País das Maravilhas. Nessa imagem paradoxal, a tatuagem está suspensa entre o real e o imaginário, o literal e o lúdico. Ao mesmo tempo que a tatuagem aponta para uma situação de encarceramento, ela escapa desse enquadramento. Na imagem, Alice segura uma poção mágica, revelando um momento de sonho, o desejo de criar alguma linha de fuga. A ambiguidade também está presente em *Ligadas*, onde três pares de pernas femininas estão cruzados, cada um com uma tornozeleira eletrônica. Imersas em uma piscina, esses dispositivos tanto podem aludir ao regime prisional semiaberto quanto à violência do lar; o papel da mulher como refém doméstica.

¹ DIDION, Joan. *The Year of the Magical Thinking*. New York: Vintage International, 3

Com suas cores vivas e saturadas, as imagens de Berna remetem aos excessos da arte Pop. Elas operam no espaço entre o teatro e a performance. Berna aposta no poder imersivo do espetáculo para evocar intensidade e choque. Suas imagens são cuidadosamente planejadas, roteirizadas e ensaiadas, sem espaço para o acaso. Adereços, penteados, figurinos e coreografia – tudo é calculado nos mínimos detalhes para efeito máximo. Em *Mina*, a própria artista aparece com o rosto e o torso marcados por hematomas e inchaços. Uma fita vermelha de bolinhas envolvendo a boca, nariz e orelhas e um laço no cabelo sugerem a figura da Minnie Mouse. O título “mina” tem um duplo sentido, já que pode tanto se referir ao diminutivo de menina quanto às minas de explosão. Em ambos os casos, Berna invoca armadilhas criadas sob o signo da violência. Com a face deformada, Berna comenta sarcasticamente sobre a objetificação feminina, onde mulheres de todas as idades seguem o mesmo padrão ideal de beleza. Ao invés do mundo encantado, o que se encontra é aprisionamento e dor. A violência contra a mulher também está presente em imagens inquietantes como *Orfã*, onde uma menina é vista com um vestido de estampa sacra levantado na altura das coxas e em *Borboleta* onde uma calcinha feita de plástico bolha tenta proteger o que não tem como ser resguardado. Ambas imagens se referem à vítimas de prostituição infantil, pedofilia na igreja e tráfico de crianças. Em *Gêmeas*, uma muçulmana coberta da cabeça aos pés e uma índia seminua estão lado a lado, de frente à uma cerca de arame farpado. Vindas de culturas tão distintas e distantes, ambas se encontram sob o signo da violência patriarcal.

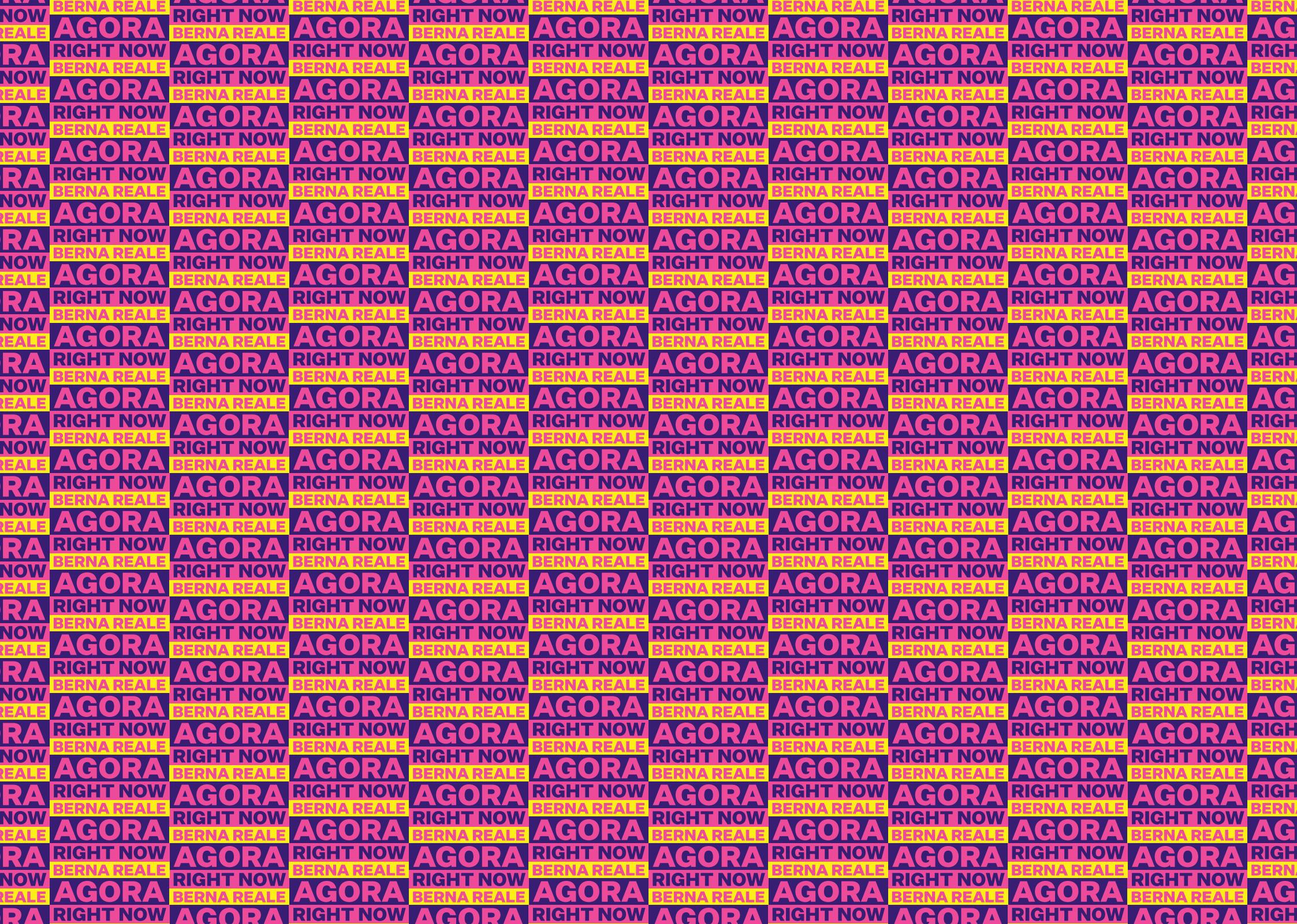
Durante a pandemia do Covid 19, diante do seu próprio confinamento, Berna se dedicou à pintura. Em *Cordeiro, No Quintal, Desistir, Ela Disse Não, Mulher Maravilha? e Olhe Pra Mim*, as imagens são cruas e diretas expondo a brutalidade doméstica, intolerância de gênero e atrocidades de guerra. Em *Mulher Maravilha?* Berna retrata vítimas de estupro e feminicídio. As cores da bandeira americana estão estampadas na calcinha e bota da vítima. Berna pergunta: “aonde está o empoderamento da mulher diante de tanta violência?”

Em uma mesa comunitária similar à dos refeitórios prisionais, bolos de alumínio exibem imagens de facas, a arma mais comum usada em crimes de violência doméstica. Ao invés de açúcar e afeto, e o que se encontra é o vazio, solidão e desamparo. Em *As Prisioneiras*, Dráuzio Varella descreve que de todos os tormentos do cárcere, o abandono é o que mais aflige as detentas. Permeando a exposição está o som do ranger de talheres em um prato de alumínio, uma alusão à fome e miséria. Em *Blitz*, a artista personifica um policial chupando uma arma de acrílico. A imagem é novamente ambígua: estará ele tendo prazer em brincar com a arma ou está pronto à atirar em si mesmo? Em *Playground*, um policial está agachado em meio à armas de brinquedo, uma referência à masculinidade tóxica inculcada desde a infância. Cartuchos usados pela polícia ganham a forma de supositórios sugerindo excrementos.

O trabalho de Berna expõe aparatos de necropolítica, termo empregado pelo teórico Achille Mbembe para denotar um mundo atormentado pela crescente desigualdade, militarização e terror, bem como o ressurgimento de forças racistas e fascistas determinadas a excluir e matar aqueles

que são considerados “excedentes, indesejados ou ilegais” pela sociedade. Ao disparar contra diversas formas de injustiças sociais, Berna tem uma mira certa. Por mais desconcertantes que sejam, suas imagens não são mais brutais do que a violência que nos cerca no *Agora*.

Claudia Calirman é Professora Associada do John Jay College of Criminal Justice, City University of New York, no Departamento de Arte e Música. Ela é autora de *Dissident Practices: Brazilian Women Artists, 1960s–2020s* (Duke University Press, 2023) e *Arte Brasileira sob Ditadura: Antonio Manuel, Artur Barrio e Cildo Meireles* (Duke University Press, 2012/Reptil Editora 2014), que recebeu o Prêmio Arvey da Association for Latin American Art (ALAA). Claudia é recipiente da Arts Writers Grant da Creative Capital/Warhol Foundation. Ela foi curadora de várias exposições incluindo *Basta: Art and Violence in Latin America* (Anya and Andrew Shiva Gallery, NY) e *Antonio Manuel: I Want to Act, not Represent!* (Americas Society, NY)



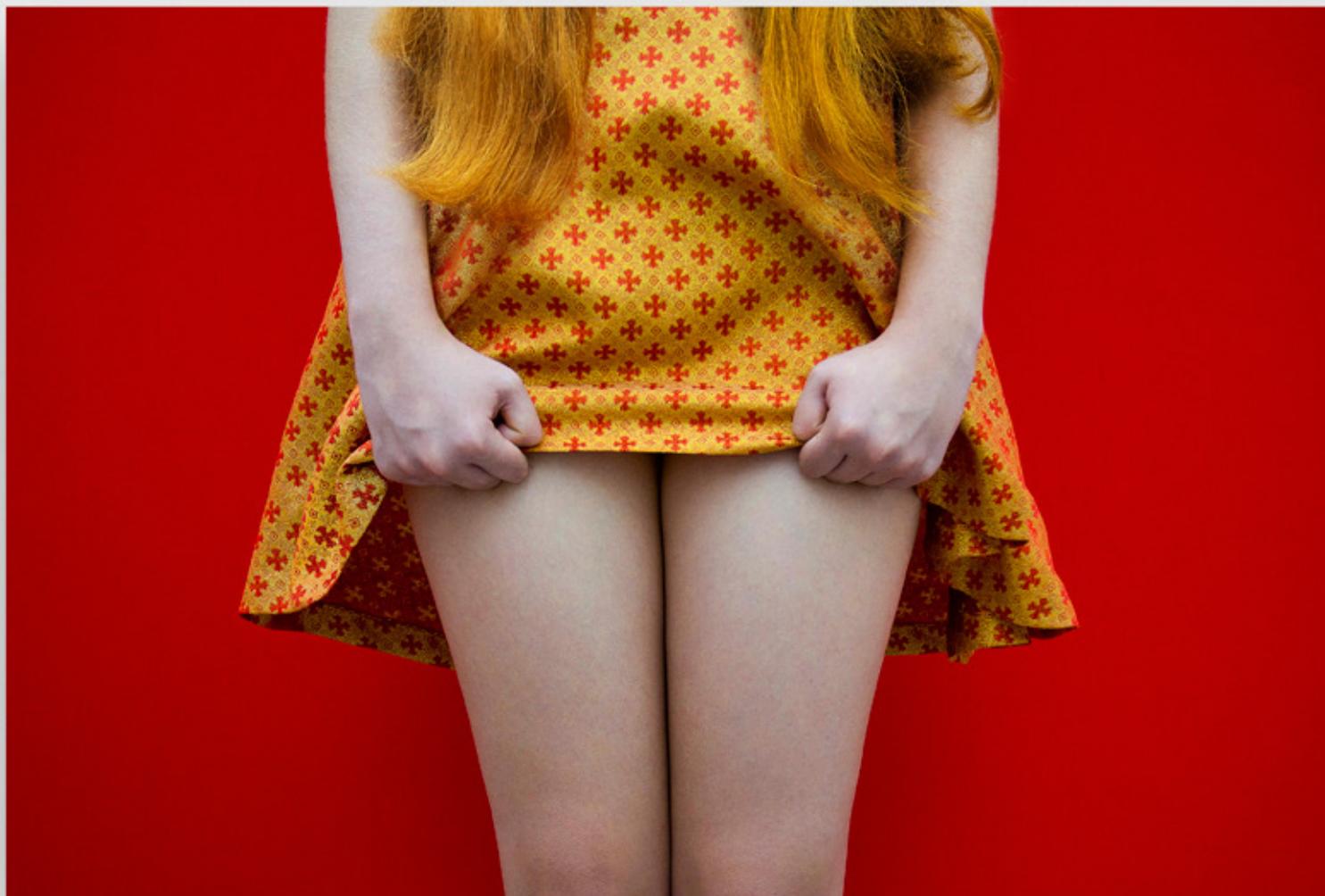


Gêmeas, 2022
impressão em papel
de algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm

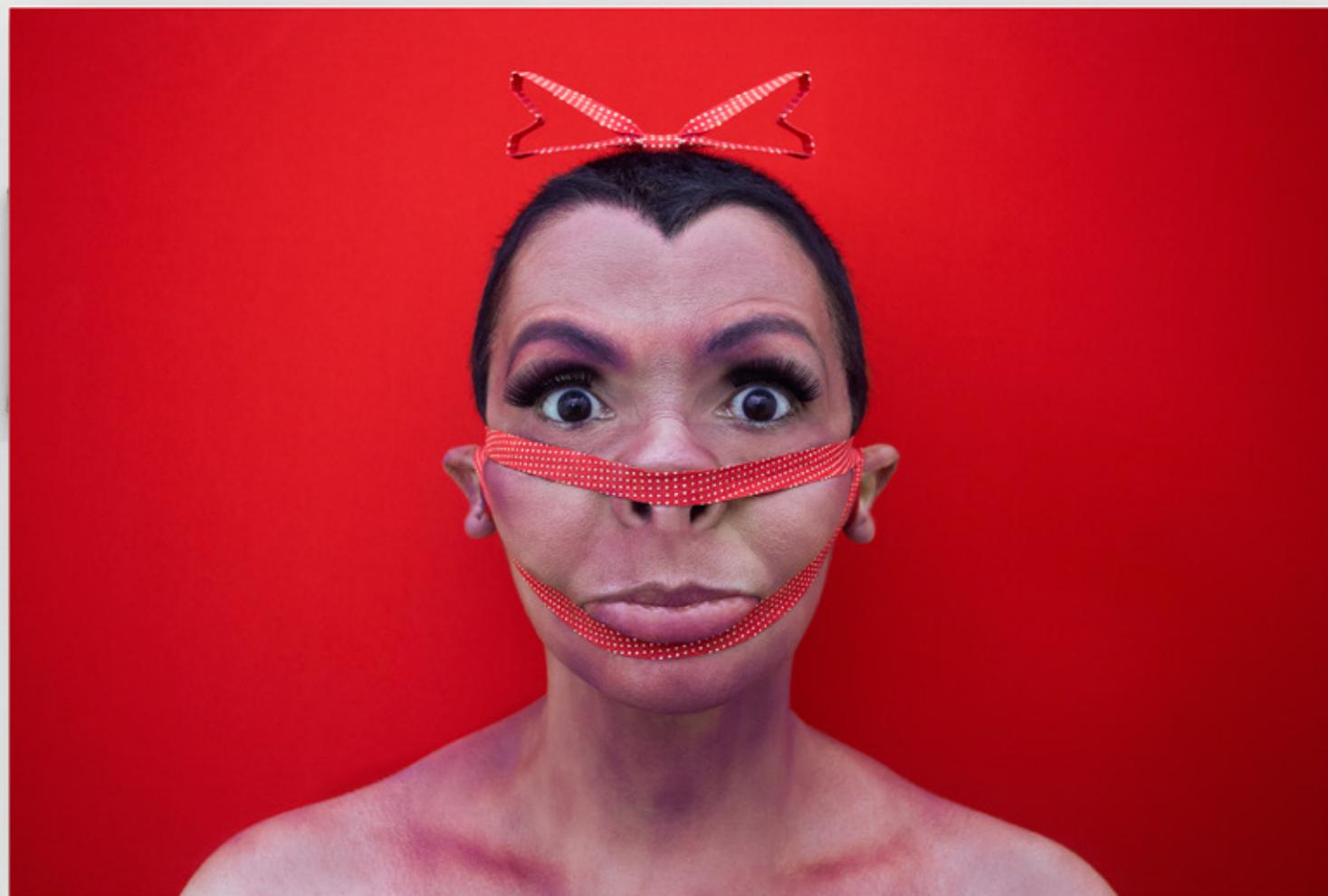




Borboleta, 2022
impressão em papel de
algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm

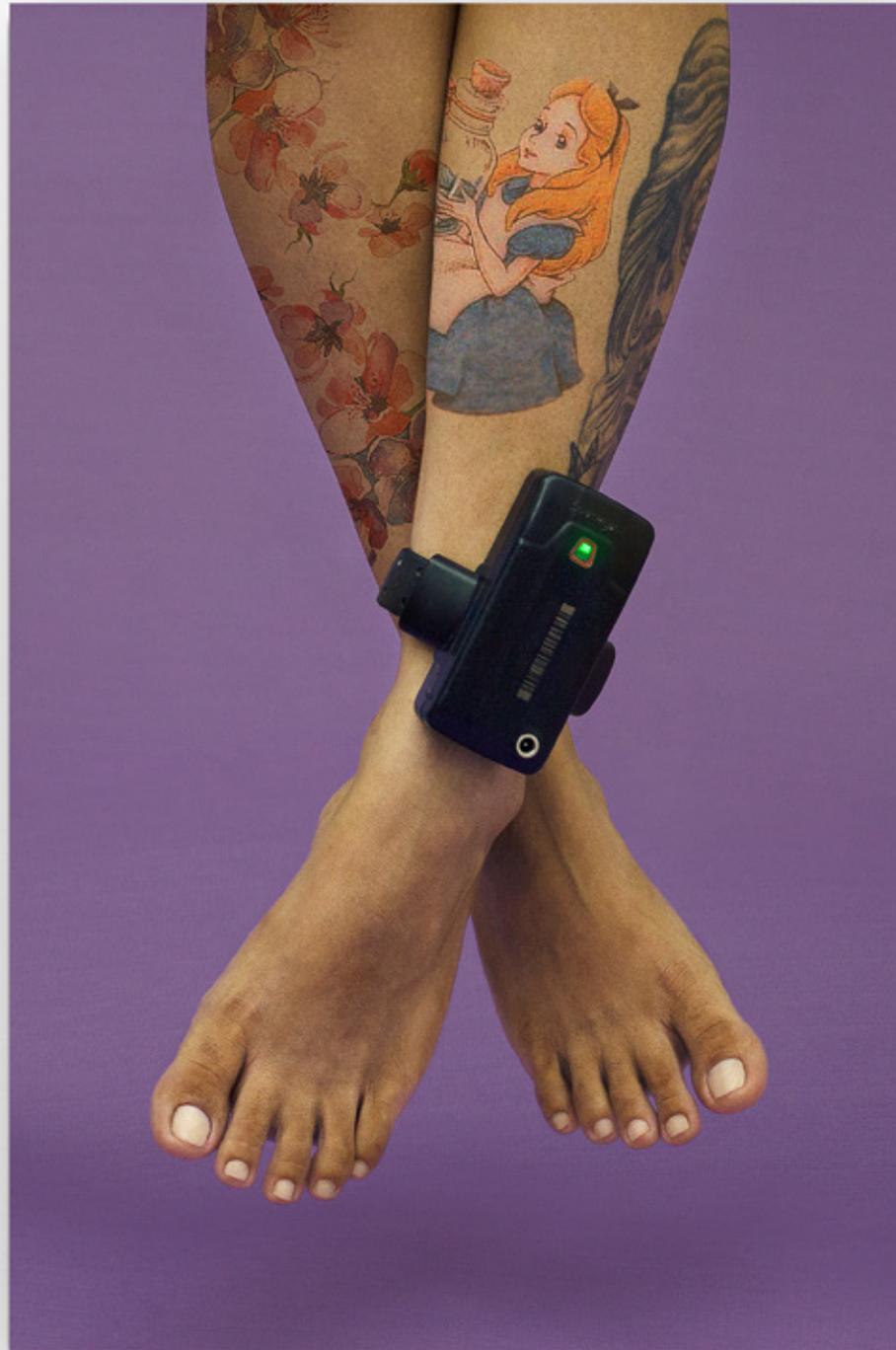


Órfã, 2022
impressão em papel
de algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



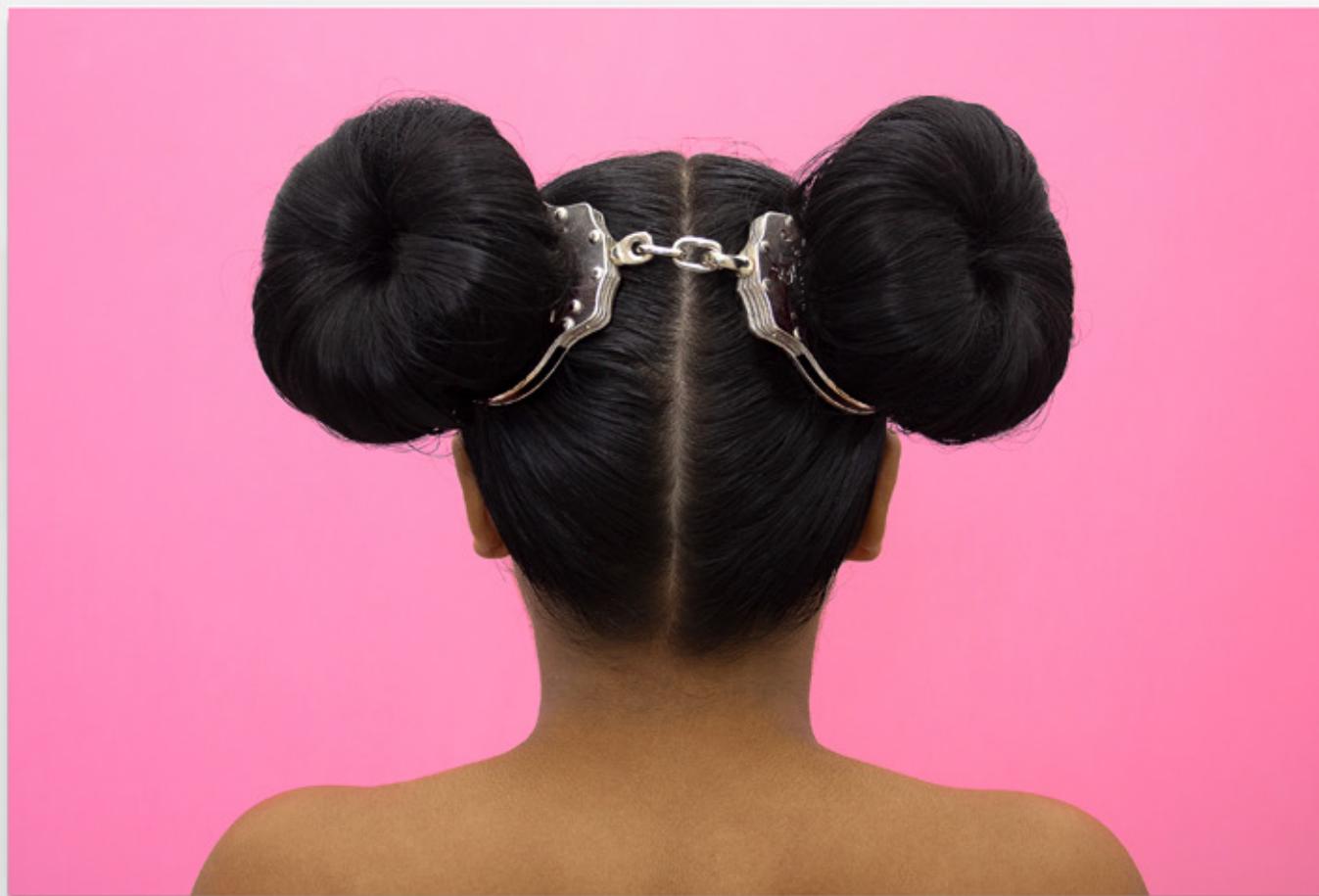
Mina, 2022
impressão em papel de
algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm

Acorda Alice, 2022
impressão em papel de
algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm





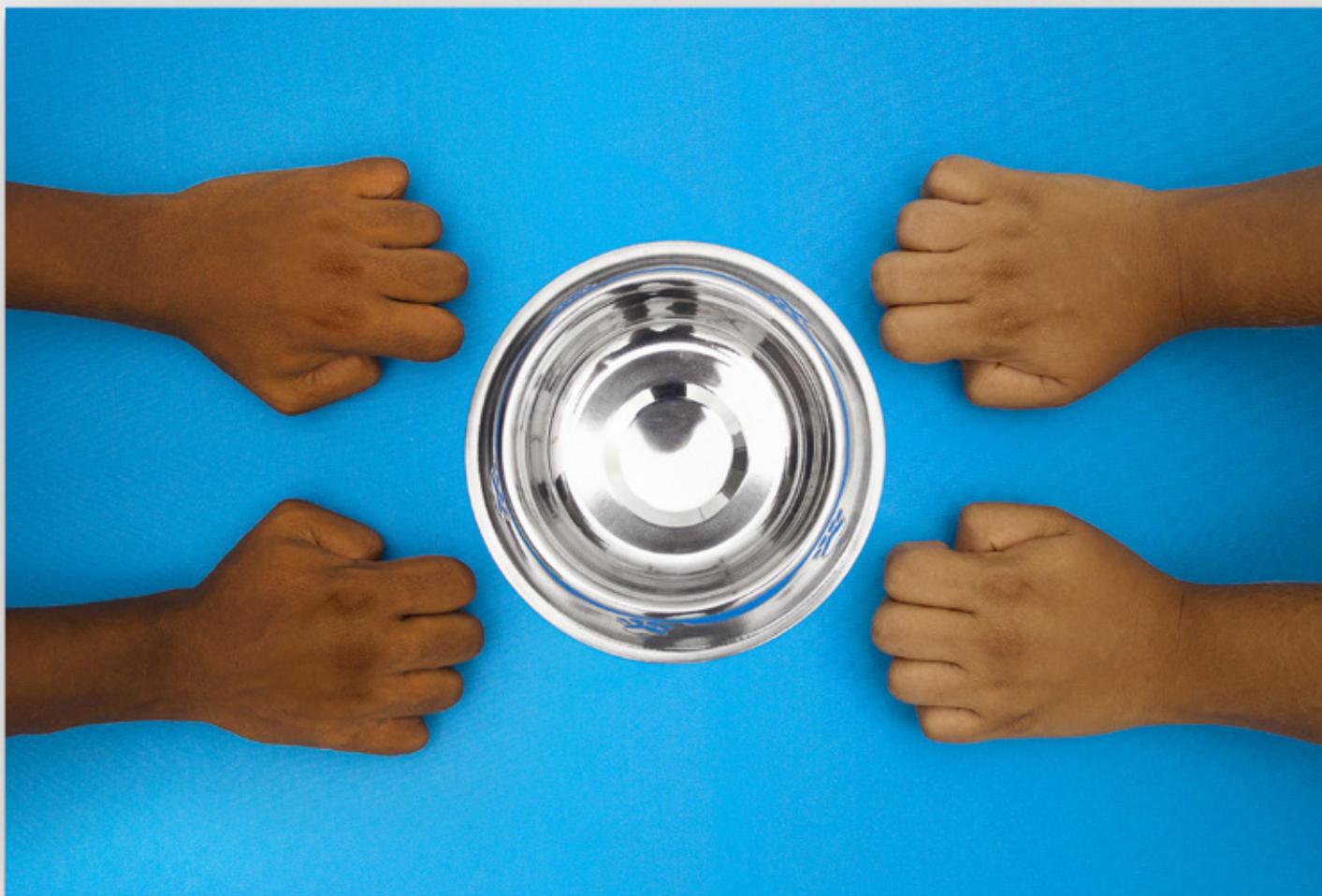
Ligadas, 2022
impressão em papel de
algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



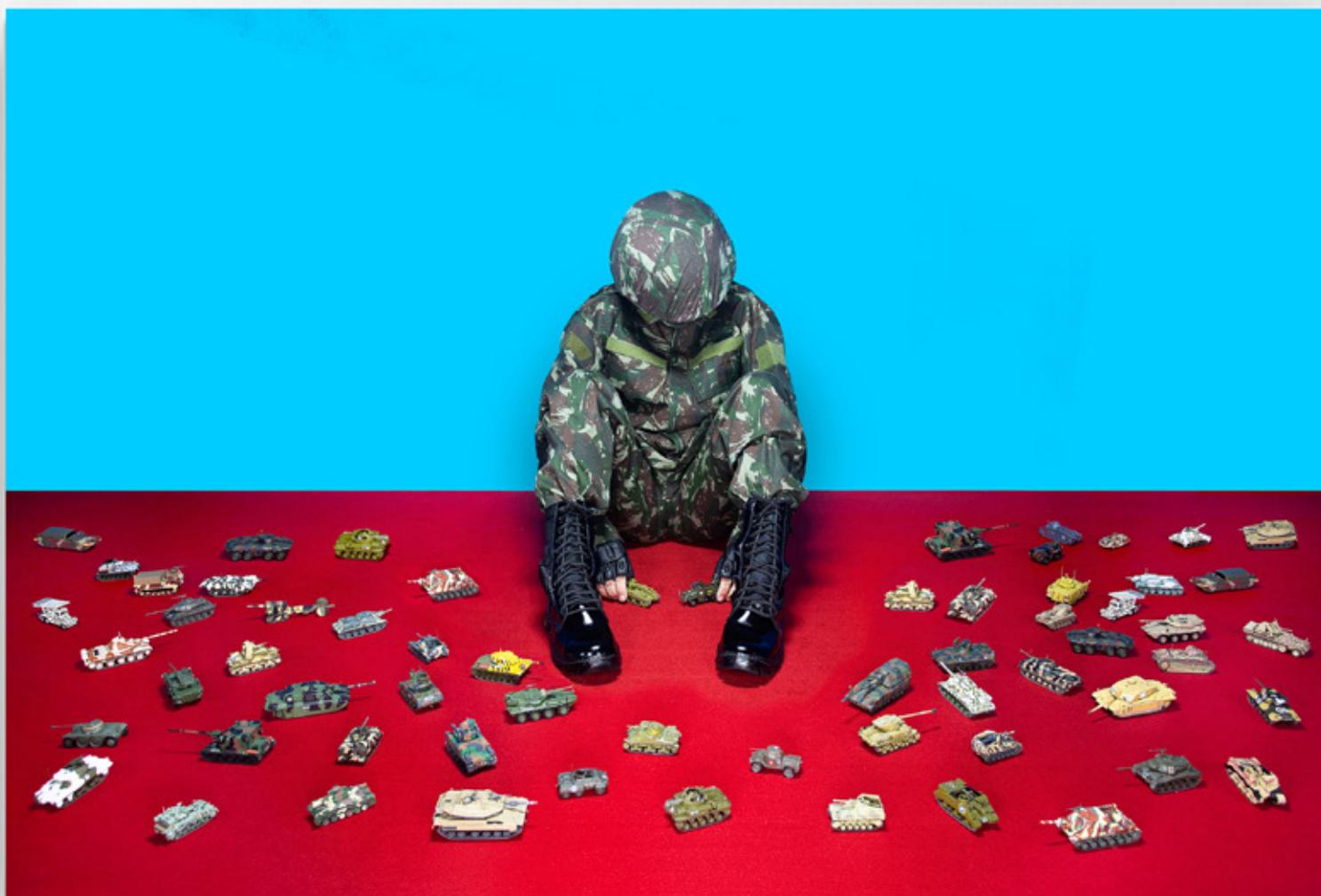
Cabeça raspada, 2022
impressão em papel de
algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



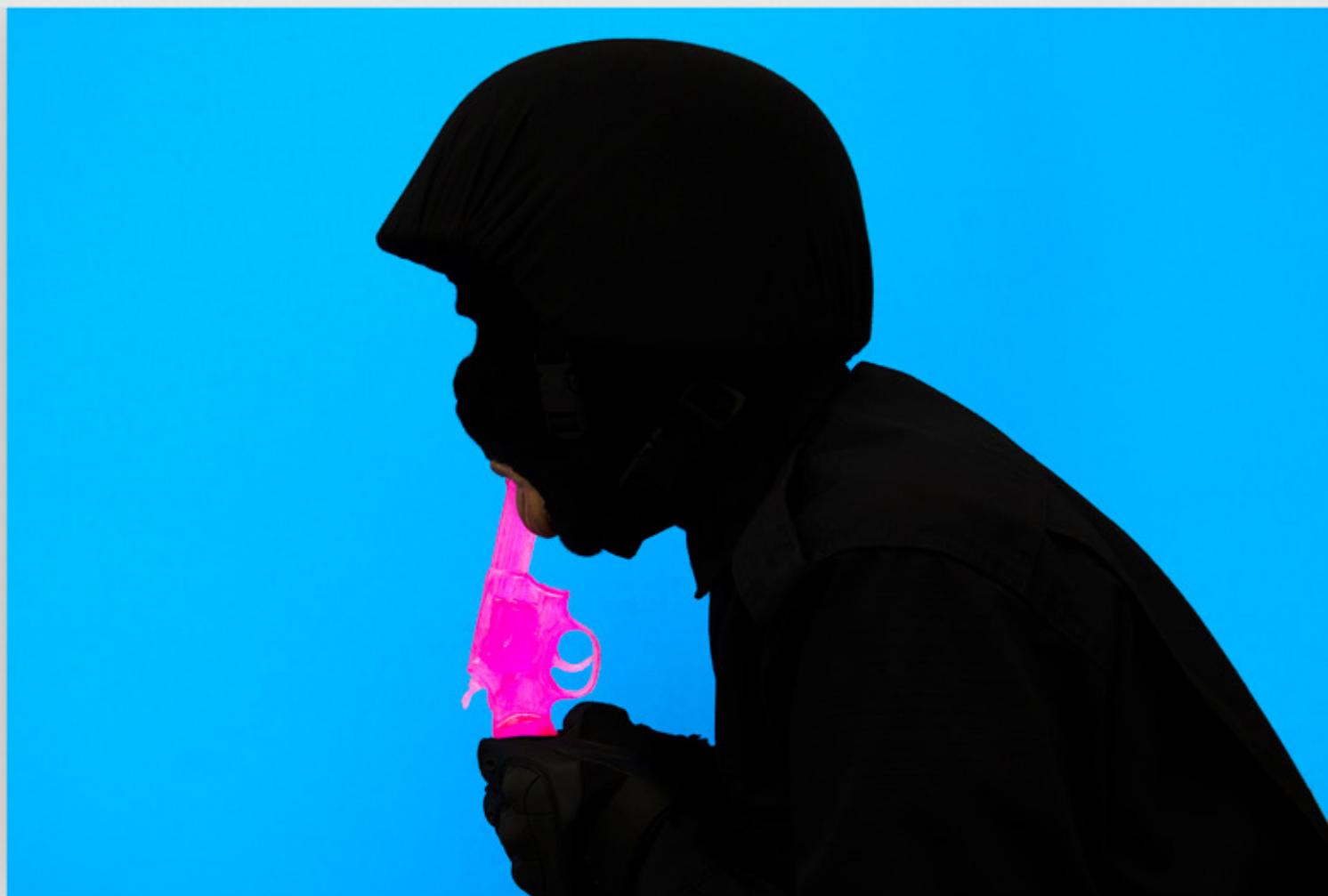
Cabeças Raspadas, 2022
impressão em papel
de algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



Mesa posta, 2022
impressão em papel
de algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



Playground, 2019
impressão em papel de
algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm



Blitz, 2022
impressão em papel
de algodão, metacrilato
edição de 5 + 2 PA
100 x 150 cm

Ela disse não, 2022
tinta óleo sobre aço
122 x 100 cm



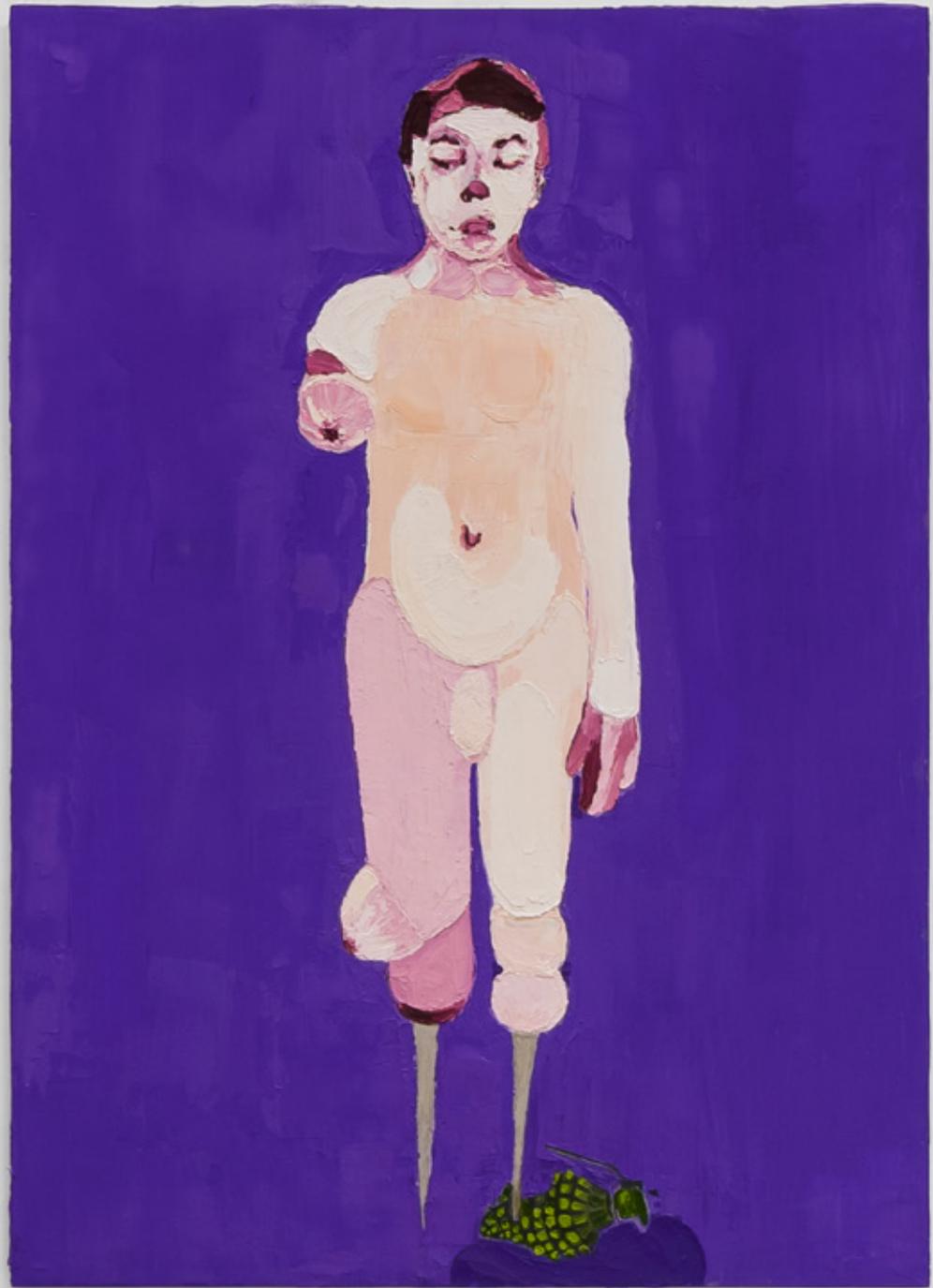


Mulher Maravilha?, 2022
tinta óleo sobre aço
60 x 200 cm





Cordeiro, 2022
tinta óleo sobre aço
127 x 91 cm





No quintal, 2022
tinta óleo sobre aço
122 x 100 cm





Desistir, 2022
tinta óleo sobre aço
121 x 101 cm







Olhe pra mim, 2022
tinta óleo sobre aço
122 x 100 cm



berna reale

n. 1965, Belém do Pará, Brasil, onde vive e trabalha

Berna Reale é uma das artistas mais importantes no cenário brasileiro atual, sendo reconhecida como uma das principais expoentes da prática de performance no país. Reale iniciou sua carreira artística no começo da década de 1990. Seu primeiro trabalho de grande impacto, *Cerne* (25º Salão Arte Pará, 2006), intervenção fotográfica realizada no Mercado de Carne do Complexo do Ver-o-Peso, conduziu a artista ao Centro de Perícias Renato Chaves, onde passou a trabalhar como perita a partir de 2010.

Desde então, Reale tem explorado seu próprio corpo como elemento central da produção de suas performances, fotografias e vídeos. Seus trabalhos, marcados pela abordagem crítica dos aspectos materiais e simbólicos da violência e dos processos de silenciamento presentes nas mais diversas instâncias da sociedade, investigam a importância das imagens na manutenção de imaginários e ações brutais. A potência de sua produção reside na contraposição entre o desejo de aproximação e o sentimento de repulsa, ressaltando a ironia que resulta da combinação entre o fascínio e a aversão da sociedade pela violência.

A fotografia, nesse contexto, desempenha um papel fundamental. Ela não é apenas o meio de registro de suas ações, capaz de perpetuá-las, mas um desdobramento de seu processo de criação.

exposições individuais selecionadas

- *While You Laugh*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Festa*, Viaduto das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2019)
- *Deformation*, Bergkirche, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale – Über uns / About Us*, Kunsthau, Wiesbaden, Alemanha (2017)
- *Berna Reale: Singing in the Rain*, Utah Museum of Contemporary Art (UMoCA), Salt Lake City, EUA (2016)
- *Vazio de nós*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- 3ª Beijing Photo Biennial, China (2018)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- *Brasile. Il coltello nella carne*, Padiglione d'Arte Contemporanea Milano (PAC-Milano), Milão, Itália (2018)
- *Video Art in Latin America, Il Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA)*, LAXART, Hollywood, EUA (2017)
- *Artistas comprometidos? Talvez*, Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), Lisboa, Portugal (2014)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Kunsthau Wiesbaden, Wiesbaden, Alemanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art